

INSTITUTO MISSÕES CONSOLATA

BIÊNIO SOBRE A PESSOA

29 de janeiro de 2021 - 29 de janeiro de 2023

Ficha 13 – janeiro de 2022

Dimensão Humana

VIDA FRATERNA E COMUNICAÇÃO

De tudo sou capaz Naquele que me dá força !

(Fil. 4,13)



**Biênio
sobre a pessoa**

Primeira parte:
“A comunicação perdida:
dificuldades e consequências”

“Tornai completa a minha alegria tendo entre vós os mesmos sentimentos e a mesma caridade, numa só alma e num só coração. Não façais nada por rivalidade nem por vanglória; mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós mesmos, sem olhar cada um aos seus próprios interesses, mas aos interesses dos outros. Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo. ...” (Filipenses 2,2-5)

«O Fundador ensinou-nos como viver numa família de missionários... Para vivermos juntos, eis as principais atitudes: ajudarmo-nos na santificação, rezarmos juntos, ser gentis, interessarmo-nos, ajudarmo-nos, corrigirmo-nos mutuamente... Uma bela síntese encontra-se na conferência do Fundador a 15 de Fevereiro de 1920: "E isto vem explicado na Sagrada Escritura, onde se diz que devemos: chorar com os que choram, alegrarmo-nos com os que se alegram, suportar os fardos uns dos outros, ajudarmo-nos uns aos outros, perdoar as ofensas” (Conf. IMC, III, 396). (Superior Geral, "Recordar, narrar e continuar a missão!" Mensagem aos missionários quenianos após a visita canónica, novembro de 2021)

STATUS QUAESTIONIS

“Comunicar para crescer juntos”

O desenvolvimento dos conteúdos desta ficha apoia-se num documento do magistério "**Vida Fraterna em Comunidade**" (doravante VFC), publicado em 1994, no qual se aborda a comunidade religiosa de uma forma articulada e aprofundada, com ênfase nalguns particulares e nuances sugestivas.

A comunicação para o crescimento da comunidade, e em particular o tema "**comunicar para crescer juntos**" (VFC 29 - 34) é discutida na secção central da segunda parte do documento, intitulada: *A comunidade religiosa, um lugar onde nos tornamos irmãos.*

O título já é muito significativo em si mesmo porque nos alerta imediatamente pra o facto de na comunidade **não se ser já irmão**, talvez fruto de uma intervenção do alto ou graças aos "méritos" da profissão religiosa, mas **de nos tornarmos irmãos** através de **uma caminhada** que não pode deixar de ser árdua e **que exige, como condição preliminar, a aprendizagem da arte de comunicar.**

Comunicação e Documentos IMC

Nos documentos oficiais do Instituto, o tema do “espírito de família” é muitas vezes considerado em sentido extroverso, ou seja, ao serviço da missão: "O objetivo do nosso viver em comum é a missão. Trabalhamos com o método da comunhão, "todos por um e um por todos", "em comunhão de propósitos" e em "espírito de corpo" (cf. X CG 19), porque somos "uma família de consagrados para a missão *ad gentes* ... na comunhão fraterna ..." (Const. 4).

Sem entrar em detalhes, a comunicação entre missionários é mencionada como um meio para "pôr em prática o espírito de família"

(cf. XI CG n. 11.1-2) e, **nas comunidades interculturais**, "para promover as dinâmicas da vida fraterna, momentos significativos de enriquecimento a nível cultural através da valorização dos espaços comunitários, criando oportunidades de convivência, partilha, convívio e recreio". (cf. XII CG 17; XIII CG 81).

Estas são apenas breves referências que, no entanto, sugerem que um renovado compromisso para aprender a arte de comunicar uns com os outros daria um forte impulso ao compromisso de revitalizar a vida fraterna em comunidade, um salto qualitativo que exige a "passagem substancial de comunidades despersonalizadas, estáticas, pouco significativas, a verdadeiros e próprios **espaços de fraternidade**, onde se **respira ar novo**, feito de relações humanas construtivas, **encontros, conhecimento profundo, amizades, partilha**. (XIII GC 78)

Perda da comunicação relacional

As comunidades religiosas partilham a grande preocupação da Igreja universal em encontrar formas adequadas de comunicar o Evangelho num mundo em mudança. O magistério do Papa Francisco tem encorajado e orientado um movimento de "Igreja em saída" para inaugurar uma nova etapa de evangelização cheia de fervor e dinamismo (cf. EG 17). Envolvidas neste processo, as comunidades religiosas estão também empenhadas em encontrar linguagens e ferramentas para melhor proclamar o Evangelho. (cf. X CG III.3). O próprio mundo da comunicação é agora considerado por todos como um "contexto missionário", um verdadeiro areópago da missão (RM 37).

À luz desta busca frenética por novas linguagens e novas formas, surge espontaneamente uma pergunta: à preocupação – mais do que nunca correta – de se tornarem comunicadores do Evangelho à altura dos desafios do mundo de hoje, corresponde um interesse igual pela

comunicação no seio da comunidade, princípio e raiz de todas as outras comunicações?

Em geral, não nos preocupamos muito com esta comunicação "*ad intra*", porque não a consideramos importante e não compreendemos a sua necessidade, inundados como estamos pelo fluxo contínuo de tanta informação, notícias e mensagens. Numa comunidade onde o "*dizer*" ultrapassou o "*falar*", ou seja, falar "com" outros para comunicar, discutir, sonhar, caminhar juntos..., agora comunicamos por smartphone, com um vocabulário restrito a 140 caracteres e *emoticons*, porque o nosso olhar está fixo no ecrã.

Em suma, sentimo-nos prisioneiros dum clima de dependência, de hábitos cansados, dentro dum certo estilo de (não) comunicação, e é preocupante sobretudo, **a falta de convicção da importância da comunicação relacional**, por muitos considerada como opcional, como uma moda copiada de certos movimentos, ou um elemento estrangeiro à sua cultura e um **fator que não qualifica** uma comunidade de pessoas consagradas.

Relação entre comunicação e fraternidade

No n. 32 do documento VFC isto é dito formalmente e com uma referência bem precisa:

«Em algumas comunidades lamenta-se a escassa qualidade da fundamental comunicação dos bens espirituais: comunica-se sobre temas e problemas periféricos, mas raramente se compartilha aquilo que é vital e central no caminho de consagração».

Esta afirmação deve fazer-nos refletir: para sermos exatos, o documento não diz que a palavra não circula nas comunidades, mas que muitas vezes é uma palavra que **não é suficientemente significativa, se não banal**, uma expressão de realidades e valores que **não estão suficientemente no centro** da vida e da consagração; uma **partilha de coisas marginais**, não de bens espirituais, e portanto

comunicação pobre, de baixa qualidade, que não conduz ao crescimento e não exprime a natureza típica da comunidade religiosa.

Comunicação “mais ampla e mais profunda”

Por esta razão, o documento reitera a urgência de avançar para uma comunicação "mais ampla e profunda".

«Para se tornar irmãos e irmãs é necessário conhecer-se. Para se conhecer aparece como muito importante comunicar-se de forma mais ampla e profunda» (VFC 29).

Não é um qualquer tipo de comunicação que cria fraternidade, mas **aquele tipo específico de comunicação que faz crescer** o sentido de fraternidade, **aquele que** permite a um conhecer o outro e ser conhecido por ele; **aquele, sobretudo, que** permite a um entrar – com grande delicadeza – na vida do outro para conhecer pelo menos aqueles elementos da sua identidade que ajudam a decifrá-lo, a estar perto dele de uma forma respeitosa, a compreender talvez certas das suas dificuldades.

É precisamente este conhecimento que nos torna "irmãos" uns dos outros, cada um de nós tornando-se partícipe da experiência do outro, com as fadigas e dificuldades que o caracterizam, sentindo-se acolhido na sua vida, como se fizesse parte dela.

Situações de isolamento e solidão

Caso contrário, **se transmitirmos palavras que não contam as nossas vidas ou trocamos coisas que não beneficiam o crescimento**, é inevitável que a outra pessoa, pouco a pouco, se torne um estranho para mim, como se não me pertencesse e eu não lhe pertencesse, ao ponto de pouco ou nada mudar para mim se a outra pessoa já não existisse ou fosse transferida.

É profundamente triste pensar que nas comunidades religiosas a falta de comunicação e conhecimento da experiência dos outros **pode criar**,

como diz o documento na sua linguagem prudente, até mesmo "**situações de isolamento e solidão**", esse **sentimento dramático de "não ser de ninguém"**, esse tipo de sutil marginalização fraterna, uma antecâmara arriscada de perigosas crises afetivas.

Nada, nem mesmo a fraqueza ou o pecado daqueles que vivem ao meu lado, deve permitir que o outro fique sozinho, sem que ninguém entre em comunhão com ele e o ajude.

A solidão, na comunidade religiosa, não pode e não deve tornar-se uma maldição!

"É melhor ser dois do que só um, porque dois têm uma melhor recompensa na labuta. Na verdade, se caírem, um levanta o outro. Mas aí daquele que está sozinho: se cair, não tem ninguém para o erguer". (Coélet 4, 9-10).

As comunidades arriscam-se a ser simples **imagens de desertos silenciosos**, de coexistência pura e simples, onde se torna difícil encontrar-se, e é secundário comunicar com os outros, supérfluo participar nas suas vidas com uma relação vivida.

"A falta ou a pobreza de comunicação normalmente gera o enfraquecimento da fraternidade; o desconhecimento da vida do outro torna estranho o confrade e anónimo o relacionamento, além de criar situações de isolamento e de solidão" (...) "Sem diálogo e escuta, há sempre o risco de levar vidas justapostas ou paralelas, o que está bem longe do ideal de fraternidade." (VFC 32)

"A caridade não pode limitar-se só à área espiritual, deve incluir também a área material, isto é, ajudarmo-nos mutuamente nas diversas tarefas. Como é lindo ver uma comunidade ao desafio na entreatajuda! Isso é que é caridade! Por acaso não se faz assim também nas famílias? Tenhamos um amor prático como entre irmãos e irmãs: ser capazes duma gentileza, e descobrir pequenas iniciativas que só a caridade sabe

sugerir. **Não sejamos como estátuas que não se tocam uma à outra!** Todos devemos atuar para o bem da comunidade como membros vivos e concordes”. (*Tudo pelo Evangelho* n. 134)

Consequências da falta de comunicação dos bens espirituais

Se a comunicação se reduz a temas e problemas marginais e raramente se partilha sobre aquilo que é vital e central na vida dos consagrados, continua o documento:

“As consequências podem ser dolorosas, porque a experiência espiritual adquire insensivelmente conotações individualísticas. Com isso se favorece a mentalidade de autogestão unida à insensibilidade para com o outro, enquanto lentamente se vão procurando relacionamentos significativos fora da comunidade”. (VFC 32)

Mas se é – mais especificamente – a comunicação dos bens espirituais que falta, o documento aponta para **três consequências dolorosas**: a experiência espiritual adquire insensivelmente conotações individualistas; é fomentada uma **mentalidade de autogestão** combinada com a insensibilidade aos outros; **enquanto se procuram lentamente relações significativas fora da comunidade.**

Primeira consequência

Em primeiro lugar “a experiência espiritual adquire insensivelmente *conotações individualistas*”. Em termos que não são muito elegantes, mas que dão a ideia, acontece que cada um na comunidade “cuida dos seus próprios interesses”, até mesmo dos interesses espirituais.

É como se a espiritualidade fosse um assunto individual e muito privado, a ser gerido com a direção espiritual e por vezes “testemunhado” na reunião de oração do grupo ou movimento a que se

pertence, com pessoas que são sempre, quem sabe lá porquê, melhores do que os confrades e com quem este tipo de "comunicação" é mais fácil e mais espontâneo.

Ainda hoje, **até mesmo a oração comunitária, uma ocasião privilegiada para a troca de experiências espirituais**, dificilmente se torna comunicativa e confidencial ao ponto de o consagrado usar as suas próprias riquezas para as transmitir com simplicidade aos outros.

Mesmo que feita por um coro de vozes bem harmonizado, a oração pode vir de pessoas que permanecem fechadas na defesa do seu individualismo, o qual não é menos grave pelo facto de ser "espiritual".

Segunda consequência

Autogestão e insensibilidade para com o outro: “a mentalidade de *autogestão* combinada com a *insensibilidade* aos outros”. (VFC 32)

Na verdade, isto é uma consequência do aspeto que acabamos de considerar: a incomunicabilidade espiritual cria a **lógica do "faz tu mesmo"**, da vida pensada dentro dos limites dos projetos pessoais e das próprias preocupações, e da vida consagrada reduzida, inevitavelmente, a uma medida que satisfaça os interesses dos indivíduos.

Quando não é o dom que vem do alto a criar fraternidade, é de esperar que mais cedo ou mais tarde **se perca o sentido e o gosto por estar juntos; e, se o dom de Deus não ativa a comunicação e não se torna o objeto da própria comunicação, então o irmão torna-se distante**, perde a sua proeminência e prioridade: é como se o seu rosto humano estivesse desfocado e, com ele, tudo o que de original e profundo ele encerra.

Quando o Espírito é excluído, acabarei por excluir também o irmão, e gradualmente vou poder passar sem ele, porque já não é

importante e necessário: **não sinto necessidade** do outro, pelo qual não me sinto responsável. "**Sou eu o guardião do meu irmão?**" (Gen. 4:9).

Terceira consequência

Relações fora da comunidade: “...*enquanto se procuram lentamente relações significativas fora da comunidade*”. (VFC 32)

Também a terceira consequência é inevitável. Marca uma espécie de consumação do processo de deterioração da relação fraterna na comunidade, determinada pela pobreza da comunicação. Quanto menos significativa for a troca fraterna, mais se sentirá a tendência para procurar "**relações significativas fora da comunidade**"

Enquanto por um lado não há nada de estranho em estar no meio do povo de Deus, trabalhando em conjunto com os leigos, interagindo com agentes pastorais, frequentando grupos de jovens e apoiando grupos missionários, por outro lado, há sinais de que isto é menos autêntico, que é **compensatório e defensivo por natureza**. Esses sinais geralmente são os seguintes: as pessoas que estão fora da comunidade **são sempre melhores** – assim se diz – do que as que vivem conosco; com elas **nasce uma relação emocionalmente significativa**, e dentro dessa relação há **uma troca intensa e profunda**, uma comunicação de partilha, **exatamente o que a pessoa consagrada deveria fazer com "os da sua casa"**.

Outro sinal é a **diversidade de comportamentos**, por vezes muito evidente, dentro e fora da comunidade: **dentro o indivíduo tende a ser silencioso e fechado, fora é brilhante e comunicativo**; com os irmãos há o arrepio da insensibilidade e com os amigos, o calor da compreensão e a simpatia.

Se for este o caso, procurar relações emocionalmente importantes fora da comunidade **assume o significado de uma fuga** não só da comunidade, **mas até de si próprio e da própria verdade**, a fim de estabelecer relações que não só traem, de alguma forma, aqueles que o Pai escolheu colocar ao nosso lado como irmãos, mas também enganam, ou arriscam-se a enganar, aqueles que **nós próprios escolhemos como "amigos"**.

“Contactless communities” [Comunidades sem contato]

Ao longo dos últimos dois anos, experimentámos involuntariamente uma espécie de **experiência social** anómala e totalmente sem precedentes.

O Covid-19, o inimigo invisível, também mudou a gramática da nossa relação com os outros, mantendo-nos à distância, com uma máscara e o medo de um abraço, com a renúncia a um aperto de mão e a um beijo, de modo a não nos contaminarmos.

Enquanto as redes sociais e a web têm providencialmente transposto distâncias geográficas, criando pontes de comunicação virtual com missionários distantes, também o confinamento, apesar de nós próprios, tem oferecido a possibilidade de criar oportunidades para encontros, diálogos e partilha, para uma comunicação "mais ampla e profunda", entre missionários individualmente e a nível comunitário. Seria interessante ver se esta oportunidade foi aproveitada, ou se, paradoxalmente, o confinamento exacerbou uma tendência, já presente nas comunidades, para preferir a "ligação virtual" à "comunicação real".

É importante não esquecer que: *"O considerável impacto dos meios de comunicação social sobre a vida e a mentalidade de nossos contemporâneos atinge também as comunidades religiosas e lhes condiciona não raramente a comunicação interna"*. (VFC 34)

E-mail, mensagens de texto, redes sociais, tik tok, chat são formas de comunicação que, se não estivermos vigilantes, podem produzir relações desterritorializadas, criando "*contactless communities*", onde o sentido de proximidade é distorcido: vivemos "distantes" dos nossos irmãos vizinhos, que permanecem estranhos, enquanto estamos "próximos" daqueles que estão distantes. A pessoa apaixona-se pelos "followers" [seguidores] na rede e permanece indiferente ao "caminho" dos seus vizinhos.

Anteriormente, era utilizada uma mensagem para marcar uma reunião, agora a mensagem é a própria reunião. A ilusão da hiperligação é que ela coloca as nossas vidas em relação com as dos outros quando de facto muito frequentemente nos separa. Qualquer relação, incluindo a relação em comunidade, nunca está a salvo de dificuldades, mal-entendidos e conflitos. Talvez por esta razão o amigo "virtual" seja preferível à inevitável dificuldade da relação com o irmão "real".

Além disso, «**os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contacto com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas**». Fazem falta gestos físicos, expressões do rosto, silêncios, linguagem corpórea ... porque tudo isso fala e faz parte da **comunicação humana**. As relações digitais, que dispensam da fadiga de cultivar uma amizade, uma reciprocidade estável e até um consenso que amadurece com o tempo, têm aparência de sociabilidade, mas não constroem verdadeiramente um «nós»; na verdade, habitualmente dissimulam e **ampliam o mesmo individualismo** que se manifesta na xenofobia e no desprezo dos frágeis. A conexão digital não basta para **lançar pontes**, não é capaz de unir a humanidade". (Fratelli Tutti 43)

ILUMINAÇÃO

Propomos duas leituras para a reflexão e partilha

Judas, traidor porque traído

À saída de Judas, os Apóstolos "sentiram o ar suavizar-se". Penso, antes, que **no coração de cada um deles deve ter permanecido, um remorso persistente e insaciável: Judas traiu porque o tinham traído.** Judas era ao mesmo tempo traidor e traído. Será possível que nunca ninguém tivesse sentido nada nem tivesse tentado falar com ele? João relata um facto arrepiante: "Satanás entrou em Judas" (João 13: 27). A ocupação "do coração" por Satanás é possível porque Judas está agora "desabitado". Mas seja-nos permitida uma suspeita: **o traidor não estava por acaso "desabitado" pelo amor dos seus companheiros? A comunicação entre eles tinha sido quebrada há algum tempo e cada um deles estava "isolado" em busca do primeiro lugar e de uma vantagem no Reino dos Céus.**

Se o coração de Judas tivesse sido constantemente vigiado, tenazmente penetrado pelo amor dos outros Apóstolos, teria sido possível a Satanás tomar posse dele? O diabo só tem mão livre **quando o amor se torna um desertor.** Talvez bastasse renunciar por um momento ao calor do cenáculo. Deixar-se levar pelo coração... E num instante, na rua, no trilho de Judas. **Quem sabe o que teria acontecido se ao menos um dos Apóstolos se tivesse levantado!**

Judas teria caído na rede do abraço dos seus amigos: e o sorriso da confiança dos seus amigos teria quebrado o gelo da solidão, teria vencido o medo e a vergonha... Judas está **sempre à espera que um dos "Seus" se levante e saia** na noite com a mão estendida. (Alessandro Pronzato, I Vangeli Scomodi, pp. 381-388)

O diálogo alimenta a amizade e inventa a Missão

Os dois cónegos especiais ... durante 42 anos vivem em diálogo, com uma vontade incansável. O diálogo torna-se a sua força e capacidade de amizade que sustenta a vida. Depois do almoço, no escritório de Allamano, os dois amigos tomam um café juntos e conversam. Mais do que uma conversa, é uma comunicação de acontecimentos grandes e pequenos, por necessidade de confronto, sempre, tanto um como o outro, em busca da verdade a descobrir, diremos hoje, dos sinais dos tempos. Tinham prometido os dois dizer sempre um ao outro a verdade na caridade, desta forma, no diálogo.

Depois do jantar voltam a encontrar-se para examinar o que surgiu durante o dia e o que o amanhã parece prometer. Nada de formal, nada de rígido, mas tudo é clareza, investigação, a alegria de caminhar juntos. Passam os meses e os anos. O cabelo é enriquecido com uns fios de prata, cresce cinzento, mas o diálogo entre os dois não deixa de ser a trama sobre a qual se tece a vida, tão diferente nos seus papéis, tão única na sua realização. A restauração do santuário, a longa reflexão que prepara o nascimento dos dois institutos, o início das missões, tudo toma forma nessas reuniões, tudo amadurece em conjunto.

Duas horas pelo menos todos os dias são passadas em diálogo. Aqueles dois que fazem questão de não perder um minuto de tempo, não pensam que é uma perda de tempo esclarecer ideias, explorar problemas, chegar a conclusões. As reuniões dão paz de espírito ao Fundador, porque aquele que está ao seu lado é um homem sincero, capaz de o desafiar a refletir, mas que está atento e fiel ao seu aceno de cabeça como se viesse de Deus. (...) Camisassa nunca é um simples executor; o diálogo transforma-se em ação e encontra espaços para a sua rica personalidade. Aperfeiçoa e frequentemente cumpre o que Allamano acaba de tocar com uma indicação. Em diálogo vê o seu papel delineado, sempre em harmonia e nunca em oposição ao Fundador. Os missionários da Consolata nasceram

e cresceram sob a bandeira do diálogo "feito de coisas humanas e divinas, gerido em benevolência e na caridade" (P. Iginio Tubaldo, *La Beatitudine di essere secondo*, pp. 72-74).

PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO

Não podemos continuar a afirmar como certo que a comunicação é algo que se realiza por si só; devemos refinar as nossas atitudes e refletir sobre a forma como cada um de nós se relaciona com os outros. Cada um de nós deve refletir, analisar as dinâmicas existentes e possíveis na sua própria comunidade.

A nível pessoal

1. Como é o teu nível de comunicação com os outros membros da comunidade?
2. De que é que normalmente se fala?
3. Com que dificuldades te deparas e porquê?
4. Como podes melhorar esta situação?

A nível comunitário

1. Comunica-se ou não na tua comunidade? Como e o que é que se comunica? Qual é o nível qualitativo dos nossos intercâmbios diários?
2. Será que comunicamos mais fora do que dentro da comunidade?
3. A comunicação entre nós, "toca" de alguma forma o que está no centro das nossas vidas, ou seja, a fé, a consagração; ou é marginal e essencialmente ignora esses valores?
4. Deus entra na nossa comunicação ou d'Ele só se fala em momentos oficiais e de forma anónima?

5. Quais são as tuas propostas concretas para que na comunidade haja uma comunicação "mais ampla e profunda"?

ORAÇÃO

Senhor, fazei de nós instrumentos da vossa paz.

Fazei-nos reconhecer o mal que se insinua em uma comunicação que não cria comunhão.

Tornai-nos capazes de tirar o veneno dos nossos juízos.

Ajudai-nos a falar dos outros como de irmãos e irmãs.

Vós sois fiel e digno de confiança; fazei que as nossas palavras sejam sementes de bem para o mundo:

onde houver rumor, fazei que pratiquemos a escuta;

onde houver confusão, fazei que inspiremos harmonia;

onde houver ambiguidade, fazei que levemos clareza;

onde houver exclusão, fazei que levemos partilha;

onde houver sensacionalismo, fazei que usemos sobriedade;

onde houver superficialidade fazei que ponhamos interrogativos verdadeiros;

onde houver preconceitos, fazei que despertemos confiança;

onde houver agressividade, fazei que levemos respeito;

onde houver falsidade, fazei que levemos verdade.

Ámen.

(Papa Francisco, 52º Dia Mundial das Comunicações, 2018)